



Arthur Azevedo: o escritor-jornalista por trás dos contos

Autora: Luísa Justino Rosa

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Orna Messer Levin

I. INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Arthur Azevedo foi o primeiro a assinar a ata de fundação da Academia Brasileira de Letras e a ocupar a poltrona 29. No entanto, apesar da participação ativa nesse momento importante da cena literária do século XIX, seu nome vem sendo esquecido, principalmente, no que se refere às pesquisas sobre sua produção ficcional em prosa. O escritor era considerado um respeitável contista em seu tempo, mas dividia a relevância com ninguém menos que Machado de Assis, com quem trabalhou em diversas revistas e jornais (*A Estação, Diário de Notícias, Correio do Povo, O Besouro, A Vespa, Correio da Manhã, Revista Brasileira, Revista dos Teatros*, etc.) e dividiu uma sala no Ministério. Contribuiu para que seus contos fossem deixados de lado o fato de Arthur Azevedo ter conquistado um grande destaque com a produção dramaturgica, que se tornou o foco entre os pesquisadores da área.

A fim de resgatar a imagem de Arthur Azevedo como um escritor-jornalista, esta pesquisa propõe traçar a relação de retroalimentação entre a imprensa e a literatura no fim do século XIX. Isso foi feito com base na análise da influência da esfera jornalística em seus contos reunidos e publicados em *Contos efêmeros* (1897), que constitui o *corpus* de análise. Por ser a última coletânea do autor publicada em vida e, portanto, mais madura, ela reúne pequenas narrativas que foram escritas para a brevidade do jornal e divertimento dos leitores.

II. A PESQUISA

A fase inicial da pesquisa contou com a leitura da bibliografia sobre imprensa e literatura, de biografias para obter dados sobre o contexto de produção das narrativas, bem como dos contos de Arthur Azevedo editados e publicados em vida nos livros *Contos Possíveis* (1889), *Contos Fora da Moda* (1894) e *Contos Efêmeros* (1897) – tendo no



plano de fundo a intenção de localizar aspectos que condicionassem o autor como um escritor-jornalista.

Além disso, a pesquisa se baseou na metodologia da teoria literária e da história da leitura, cujo intuito foi o de observar o processo de constituição da ficção em suas diversas formas impressas, principalmente, nas páginas dos jornais diários. A prática utilizada foi a da consulta às fontes primárias, a partir de um levantamento dos contos publicados nos jornais cotidianos, feita no site da Hemeroteca Digital. Também foi feito um mapeamento da arena, ou seja, das pessoas que apareciam nos jornais, às quais Arthur Azevedo estava ligado, principalmente, em colunas como “a pedidos”, “comunicados” e “correspondências”. No entanto, as críticas sobre os contos eram muito raras. A maioria fazia referência às peças do autor, tais como *A Capital Federal*.

III. RESULTADOS PARCIAIS

No fim do século XIX, as orientações literárias estavam muito voltadas à preocupação psicológica, basta lembrar dos contos de seu contemporâneo, Machado de Assis. No entanto, Arthur Azevedo esquivava-se, sempre buscando a simplicidade – tanto na linguagem como na temática – e o humor. Em *A palavra e o riso* (1988), Antonio Martins chama atenção para o uso da ironia e da sátira, que muitas vezes requer uma máscara e acaba refletindo no surgimento de pseudônimos como Gavroche, que ironizava até o próprio Arthur Azevedo. Outro aspecto a ser destacado é o uso da comédia como agente civilizador em uma época na qual a moral e os bons costumes eram muito valorizados, então, os usos recorrentes de provérbios populares e a ridicularização de situações cotidianas, como ciúmes em relações conjugais.

Essa linguagem simples e bem-humorada compunha a diversidade dos impressos, que contava anúncios de todos os tipos, oportunidades de trabalho, cartas de leitores, artigos políticos, folhetins, cartas abertas, telegramas, etc. Assim, o leitor burguês podia encontrar, no riso, um momento de lazer. Todavia, o humor também tinha sua função além do entretenimento – a influência política – como observa-se no conto “Vító-zé-mé”, de *Contos efêmeros*, que diminui Custódio de Melo e exalta Floriano Peixoto, para influenciar o público que não se interessaria pelos artigos políticos. O título do conto explica-se no final da narrativa: trata-se de uma criança tentando falar “viva Custódio



José de Mello”, a mando da mãe, para provocar o autor, que era florianista. A figura da mulher custodista é construída como a de uma louca e fanática, que perdeu sua vida defendendo Custódio de Melo, o que é ironizado por Arthur Azevedo no conto: “E quer saber o que a matou? Uma bala atirada pelos revoltosos! Foi uma das vítimas dessa guerra estúpida que tanto a entusiasmava! [...]” (AZEVEDO, 2009, p. 218).

Além de “Vi-tó-zé-mé”, muitos outros contos do *corpus* mereciam ao menos uma breve análise, mas, optando pela objetividade, selecionaram-se mais dois contos para exposição: “O númbaro” e “Sabina”. O primeiro discute o impacto que os desvios gramaticais possuem sobre a impressão que temos das pessoas: em um passeio de bonde, o autor queixa-se de ter recebido uma carta anônima apontando erros sintáticos em seu último conto publicado, culpando-se pela imagem de escritor manchada. Em resposta, sua companheira de viagem, Dona Henriqueta, conta a história de uma moça que perdeu o pretendente por dizer “númbaro” no lugar de “número”, explicando o título. O segundo conto narra a história do bacharel Figueiredo, que encontrara na viúva Sabina a mulher ideal. Após alguns anos de um relacionamento que não resultara em matrimônio, decidiu separar-se por receio do que a sociedade pensaria e preocupado com o que o futuro ainda poderia reservar. A separação deu-se depois que seu amigo Matos o aconselhou a afastar-se, acusando sua amada de esconder alguma coisa, sem nem mesmo mencionar uma traição. Porém, para a sua surpresa, Sabina confirmou essa infidelidade e o casal seguiu caminhos diferentes, mas, pouco tempo depois, reencontraram-se e realizaram o casamento. A reviravolta do conto se dá quando Sabina revela para Matos em uma conversa privada que, na verdade, nunca tinha sido infiel, apenas confessou uma suposta culpa para provocar ciúmes e reconquistar Figueiredo.

Os dois contos foram publicados no mesmo jornal, *O Paiz*, em 1894: “Sabina” na edição de 25 de março e “O númbaro” no dia 1º de abril. Tal proximidade não é simples coincidência: foi em “Sabina” que Arthur Azevedo cometeu o desvio gramatical que serviu de gancho para a escrita de “O númbaro”. No entanto, essa relação só pode ser percebida na análise das fontes primárias, pois a narrativa foi editada na publicação de *Contos Efêmeros*, suprimindo a referência ao jornal e ao conto que se destacam na imagem a seguir:

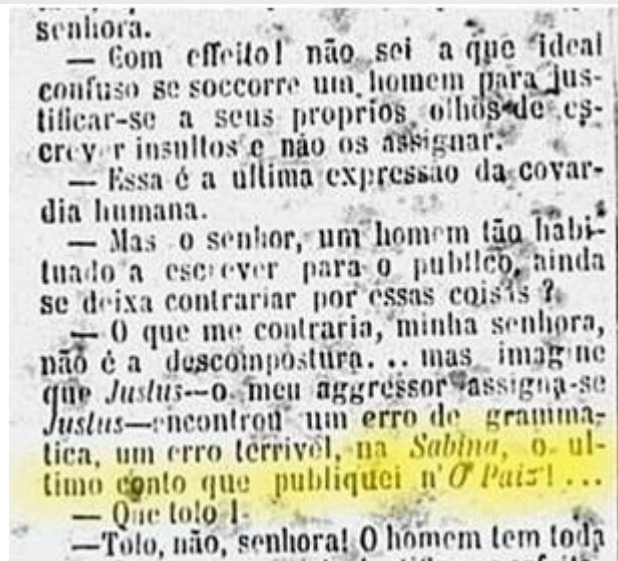


Figura 1: Publicação de “O número” no jornal *O Paiz*.

Fonte: Hemeroteca Digital

Outra alteração que pode ser vista entre a publicação dos contos no jornal e no livro aconteceu com “Sabina”: o autor adicionou uma nota e anexou uma carta de Valentim Magalhães, a qual elogiava a narrativa e sugeria que o conflito desse origem a um romance, contudo, Arthur Azevedo escreveu apenas dois capítulos. Embora não tenha motivado um romance, “Sabina” foi transformado na peça “O oráculo”.

Esses dois contos provam que a figura de Arthur Azevedo como um escritor-jornalista influenciou sua produção. Sem a publicação de “Sabina” em *O Paiz*, e o retorno tão direto do leitor atento às regras da Língua Portuguesa, não é possível afirmar que “O número” teria sido publicado, pois a temática do conto surgiu a partir do questionamento do interlocutor. Ademais, o espaço que o jornal permite para a publicação de narrativas curtas também pode ter influenciado a escrita da carta de Valentim Magalhães, que notou no conto o potencial de um romance, percepção que poderia ter sido perdida em uma antologia. Também não se descarta que o reduzido espaço físico do jornal tenha favorecido o uso de uma linguagem leve e breve, que cativa o leitor. Dessa forma, a imprensa exercia forças sobre a produção literária, com resultados visíveis na escolha de temas e de linguagem. Em contrapartida, a literatura fazia parte da composição da imprensa, narrando cenas da atualidade que dividiam espaço com anúncios, telegramas, cartas de leitores, artigos, folhetins, obituários e notícias, que também tinham um formato



mais narrativo, o qual difere do que estamos acostumados hoje com lide, corpo do texto, depoimentos... Afinal, o conceito de jornalismo ainda estava se construindo e se separando da produção literária, permitindo que Arthur Azevedo deixasse inúmeras produções nessa confluência.

Por fim, pretendia-se adotar os princípios metodológicos da narratologia, observando o uso da voz narrativa, a escolha dos temas (urbanos, políticos, sociais) e construção das personagens. Pela mesma via, seriam consideradas as categorias narrativas de tempo e espaço, de modo a notar as marcas de temporalidade instituídas pela leitura dos jornais diários e pelas obras literárias, bem como a ambientação das ações fornecida pela delimitação do espaço que segue o mapeamento da cidade. Todavia, devido ao início de um vínculo empregatício, foi necessária a desistência da bolsa de pesquisa.

IV. BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, A. *Contos possíveis*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

_____. *Contos fora da moda*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

AZEVEDO, A.; ROSSO, M. *Contos de Arthur Azevedo: os “efêmeros” e inéditos*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2009; 2009.

MARTINS, A. *Arthur Azevedo: a palavra e o riso*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; São Paulo: Perspectiva, 1988, 1988.